

AS REPERCUSSÕES DO ABUSO SEXUAL INFANTIL NA PERSPECTIVA WINNICOTTIANA

EMILY KAROLINE CARVALHO DE SOUZA¹
JUSSIANY NEIRE MARTINS DA SILVA²
NARJARA MEDEIROS DE MACEDO³

Resumo

Objetiva-se realizar um estudo acerca das repercussões do abuso sexual infantil na perspectiva winnicottiana, onde utilizou uma pesquisa bibliográfica com a temática sobre o abuso infantil seja ele físico psicológico e/ou sexual, que se tornou um problema de saúde pública presente em todas as classes sociais e culturais, causando diversos danos ao desenvolvimento da criança. Inicialmente, será exposta a caracterização da violência sexual infantil, os dados estatísticos, as repercussões e como isso se configura. Em seguida, é apresentado um breve contexto para entendimento sobre as angústias impensáveis que são ligadas a temporalização, as quais inicialmente geram traumas que se instalam nessa fase crucial de amadurecimento pessoal da criança. Diante isso, destacam-se os estágios iniciais, apresentando-os também sob a ótica de Holding quanto a sua sustentação, exibindo suas possibilidades de como trabalhar com a família e a criança em situação de vulnerabilidade a esse tipo de violência. Por último, buscou-se apresentar a relação de como a Teoria Winnicottiana pode dar suporte na abordagem do trauma da violência sexual infantil.

Palavras-chave: “Abuso Sexual”; “Infância”; “Winnicott”; “holding”; “Trauma”.

¹ Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário do Rio Grande do Norte – emilly_carvalho@hotmail.com

² Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário do Rio Grande do Norte – jussianymartins@hotmail.com

³ Mestre em Psicologia da criança e do adolescente pelo Núcleo de Estudos Socioculturais da Infância e da adolescência. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte – UNI-RN. Natal-RN. – narjara@unirn.edu.br

THE REPERCUSSIONS OF THE CHILDISH SEXUAL ABUSE IN THE PERSPECTIVE WINNICOTT

Abstract

The objective of this study was to study the repercussions of child sexual abuse in the Winnicott perspective, using a bibliographical research on the subject of child abuse, whether it be a psychological and / or sexual abuse, which has become a public health problem present in all social and cultural classes, causing various damages to the development of the child. Initially, it will be exposed the characterization of the sexual sexual violence, the statistical data, the repercussions and how this is configured. Next, a brief context is presented for understanding the unthinkable anxieties that are linked to temporalization, which initially generate traumas that settle in this crucial phase of the child's personal maturation. In view of this, the initial stages stand out, presenting them also from the viewpoint of Holding in terms of its support, showing its possibilities of how to work with the family and the child in situations of vulnerability to this type of violence. Finally, it was tried to present the relation of how the Winnicottian Theory can give support in the approach of the trauma of the sexual sexual violence.

Keywords: "Sexual Abuse"; "Childhood"; "Winnicott"; "Holding"; "Trauma."

1. INTRODUÇÃO

Tomando como medida de conhecimento e prevenção sobre a violência sexual infantil, propomos discutir as repercussões que geram em uma criança abusada sexualmente, como isso é afetado em seu desenvolvimento tomando como base de análise a perspectiva da teoria do amadurecimento do pediatra e psicanalista, Donald Woods Winnicott.

O estudo destaca dados estatísticos sobre os abusos sofridos, conceituando infância, como também, violência sexual infantil e suas repercussões, deixando

posto as consequências trazidas pelo trauma, expondo assim, aonde encontra-se em mais alto índice o abuso sexual que geralmente também é fruto da escassez de avaliações dos indivíduos, como a falta de auxílio para bons retornos, que se é tida no meio do ambiente em que se encontra.

Nas palavras de Arruda et al., (2009) descrevem que o olhar dirigido à vítima deve transpor a violência sexual vivida e a cicatriz impingida por esta. É necessário, diferentemente, viabilizar a construção de identidades diversas da de vítima sexual. Ao se compreender que estas crianças tiveram a relação de confiança no outro abalada pelo abuso, que pode ter gerado sentimentos de insegurança, solidão e desamparo, acredita-se que o terapeuta ao se colocar como 'continente', poderá facilitar o surgimento da 'verdade' da criança, restituindo-lhe o estatuto de sujeito.

Tendo em vista que foi discutida a técnica de Holding sobre o sustentar materno, o qual fornece o sentimento de segurança, como a confiança ao bebê, que desde então, há relação com o desencadear dos sintomas destrutivos ou construtivos para o amadurecimento.

De acordo com Dias (2003, pgs. 13-14) a teoria do amadurecimento reincide sobre os estágios iniciais, pois é nesta fase que está sendo formada a saúde mental, como também, a personalidade. Desta forma, são as condições ambientais que beneficiam a constituição da identidade unitária do indivíduo. A mesma fase é a que expõe as conquistas e as dificuldades que são próprias do processo de amadurecimento em todos os estágios, o qual o ambiente suficientemente bom ajuda no verdadeiro e falso self, como também, mostra-se que o trauma interfere na continuidade do ser, no desenvolvimento/amadurecimento pessoal.

Além disso, o estudo busca estabelecer como a Teoria Winnicottiana pode dar apoio/suporte à abordagem do trauma causado pela violência sexual infantil, revisando e identificando como se manifesta o trauma, como pode ser trabalhado com os pais e a vítima, e a importância da relação da mãe com o bebê para o seu desenvolvimento.

Desse modo, o trabalho é desenvolvido utilizando como base uma revisão bibliográfica que tem como objetivo principal revisar as repercussões causadas sob a criança pós o abuso ocorrido, ou seja, discutir o que se desenvolve sobre a mesma em sua fase de amadurecimento no período de pós-trauma em decorrer da teoria.

Como suporte para a revisão de literatura do presente trabalho, realizamos uma pesquisa bibliográfica com a qual procuramos conhecer as diferentes contribuições científicas possíveis sobre o tema escolhido, diretamente relacionados à problemática, à determinação dos objetos, e a fundamentação da justificativa da escolha do tema e da elaboração das conclusões.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CARACTERIZAÇÃO SOCIAL DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇA

No século XVII, a infância era confundida com a adolescência, a partir daí surgiu o sentimento da infância, deste modo, as leis que eram voltadas aos adultos eram as mesmas para as crianças. A partir do século XX, surgiram as leis adequadas para fazer essa diferenciação, se adaptando aos conceitos da mesma, onde se referem aos cuidados a serem preservados, assegurando também, o desenvolvimento físico, psíquico e social da criança.

Segundo a Organização Mundial de Saúde o abuso sexual é um enigma considerado integral na descrição geográfica como também, de forma que atinge as pessoas de ambos os sexos é em todas as faixas etárias, a qual se determina como qualquer tipo de ato sexual ou experiência de alcançar o mesmo por meio do uso de força ou de coerção (BOARATI, 2009). Que em decorrer da teoria do amadurecimento, essa criança perdeu o respeito de seu desenvolvimento, onde desde seus estágios iniciais deve-se ter um holding suficientemente bom, para que seu desenvolvimento não possa ser atingido desencadeando uma deficiência no seu estado emocional ou físico.

De acordo com os dados estatísticos Vaz (2001) Apud Capitão (2008), “um levantamento no Brasil, em que se constatou que 80% das vítimas violadas sexualmente são crianças e adolescentes do sexo feminino, 75% dos casos de violência praticados pelo pai ou padrasto, sendo o perpetrador”. Vendo assim que, aquele que deveria ser o principal responsável pela família, pela segurança e saúde física, e também emocional da criança, se torna a principal ameaça dentro do

ambiente que ela mais convive. Através de um questionário para pesquisa de investigação de amostra Capitão (2008), 87% dos participantes negam ter sofrido o abuso na infância, dos 57 que afirmam ter sido violado, 73% é do sexo feminino, e 27% do sexo masculino. A ocorrência causada foi em crianças entre 5 e 10 anos de idade (48%) e na faixa de 10 à 15 anos (36%), cometidos por agressor de gênero masculino (71%).

Segundo Santos (2008, p. 597), as consequências que as crianças podem acarretar são:

“O transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), transtorno dissociativo, transtorno depressivo maior, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) e transtornos alimentares”.

Incluindo-se sentimento de culpa, baixa autoestima, podendo também, se tornarem crianças agressivas, medrosas e tímidas em excesso, desencadeando em mesmo meio, o isolamento, a dificuldade em estabelecer confiança no próximo, falta de perspectiva futura, como também, agir através de mentiras, constituindo-se esse transtorno pela falta de sustentação que toda a criança tem o direito de ter, onde a mãe deveria poupá-la da devida frustração por cuidado seu, que irá interferir no espaço ou personalidade que estar em processo de construção, encontrando-se em estado de vulnerabilidade e interferindo na sua subjetividade.

Pfeiffer e Salvagni (2005) salientam que os sobreviventes do abuso sexual frequentemente repetem o ciclo de vitimização, perpetrando o abuso sexual intergeracional com seus próprios filhos. Trata-se de um mecanismo de defesa, no qual a identificação com o agressor apresenta-se como uma maneira de sobreviver ao abuso. Assim, a criança “se desforra por procuração” e, ao se igualar com o seu agressor e se converter em molestadora, torna o abuso sexual um legado passado à próxima geração de vítimas.

Nakatani (2012), descreve que a criança que é vitimizada pela violência sexual tem traída a sua confiança depositada no abusador. Agravando o contexto da criança, o apego que ela possui no agressor pode, em que pese a violência sexual, ser o vínculo mais importante na vida da mesma, gerando maior confusão emocional. Além disso, o abuso sofrido na infância associa-se a problemas na vida adulta, o que torna possível pensar em um círculo vicioso de manifestação da violência.

Embora haja outros tipos da mesma, como de negligência, institucional, intrafamiliar, entre outras, a violência sexual infantil é a que deve-se haver mais acuidade por estar em meio a fase do desenvolvimento emocional da criança. Pois, quando a mesma não está preparada para uma invasão que seja prolongada, seu processo acaba sendo interrompido e revive o trauma em uma idade mais avançada, pois, essas impressões das reações e invasões acabam sendo armazenadas no psicológico do indivíduo de forma significativa. Independentemente do âmbito, a violência sexual configura-se como um caso de intrusão que de forma negativa influencia no desenvolvimento da criança.

Segundo Assis (2004), a violência cometida por pessoas de quem a criança espera amor, respeito e compreensão é um importante fator de risco que afeta o desenvolvimento da autoestima, da competência social e da capacidade de estabelecer relações interpessoais, potencializando a fixação de um autoconceito negativo e uma visão pessimista do mundo.

Ao cumprir seu papel de mãe suficientemente boa, onde a mesma responde a onipotência do lactente, o verdadeiro self adquire vida, alimentando assim, o ego precário existente no bebê. Porém, caso contrário onde a mãe não mostre capacidade de cumprir com a onipotência do bebê, que em vez de responder sob o gesto da mesma, impõe o seu próprio gesto, fazendo assim, a criança submeter-se onde desencadeara desta forma, o falso self, podendo agir de maneira que proteja o verdadeiro, sem substituir, ou substituindo o real como também o indivíduo. Geralmente o falso self quando se encontrado no extremo mais patológico, é acompanhado por sensação subjetiva de vazio, futilidade e irreabilidade.

As situações de violência têm um efeito deletério na infância, corrompendo o desenvolvimento da criança, que ocorre por meio da observação dos atos dos adultos. A violência, nos primeiros anos de vida, deturpa a formação dos valores morais e de caráter, haja vista que aquele que não é respeitado e que não aprende a respeitar a si mesmo, não terá condições psíquicas de respeitar o outro, perpetuando a violência (PFEIFFER E CARDON, 2006).

As consequências sofridas pelas crianças maculam as relações socioafetivas e culturais entre adultos e crianças, ao transformá-las em relações genitalizadas, erotizadas, comerciais, violentas e criminosas; confunde, nas crianças e adolescentes violentados, a representação social dos papéis dos adultos, descaracterizando as representações sociais de pai, irmão, avô, tio, professor,

religioso, profissional, empregador, quando violentadores sexuais, o que implica a perda de legitimidade e da autoridade do adulto e de seus papéis e funções sociais; inverte a natureza das relações adulto/criança e adolescente definidas socialmente, tornando-as desumanas em lugar de humanas; desprotetoras em lugar de protetoras; agressivas em lugar de afetivas; individualistas e narcisistas em lugar de solidárias; dominadoras em lugar de democráticas; dependentes em lugar de libertadoras; perversas em lugar de amorosas; desestruturadoras em lugar de socializadoras; confunde os limites intergeracionais (FALEIROS e CAMPOS, 2007).

No ano de 2012, foram feitas 31.551 denúncias de abuso através do disque direitos humanos. Contudo, esses dados jamais apresentam a apuração coletada de casos de abuso sexual infantil, na maioria dos acontecimentos os agressores não se sentem intimidados ou culpados. A organização mundial da saúde acredita que a crueldade mais violenta em desfecho do crescimento é o abuso sexual infantil, já na situação geral uma a cada cinco mulheres e um a cada treze homens sofreram abuso sexual na infância (SUFREDINI, 2016).

O Disque 100, serviço nacional de denúncia de abuso e exploração sexual contra crianças e adolescentes, marcou em 2014 uma pontuação diária de 13 denúncias de violência sexual contra meninos. Até então, retrata o número menos de 30% dos casos com meninas. Em 2015, foram feitas 17.588 queixas de violência sexual contra crianças e adolescentes, correspondendo a duas denúncias por hora. Foram 22.851 vítimas, 70% delas meninas, sendo assim, os dois casos mostram serem intimidantes. Diante disso, exposição concreta do estupro no Rio de Janeiro mostrou-se a vontade de como é analisada a violência sexual contra crianças.

Diante disso, as falhas que acarretam a violência causam angústias e estragos, podendo também ocasionar dificuldades futuras associadas à tendência antissocial, onde a mesma surge quando o ambiente falha quanto a sua necessidade de dependência concernente, considerando a mesma como um bom sinal de que o meio volte a lhe fornecer cuidados que foram recebidos, porém, quando não compreendido caminha em direção a delinquência (BOARATI, 2009, p. 428). Deixando assim, o indivíduo que foi violado sem expectativas, interação, perdendo sua autonomia diante o meio social. E em meio as forças atuais do abuso sexual, é importante ressaltar o desamparo que é vivenciado pela vítima, devido ao caráter que torna-se destrutivo diante o estado de violência que se é encontrado e

configurado como uma ação de tentativa de anulação do indivíduo com o intuito de agredir sua fragilidade.

2.2 ANÁLISES DOS TRAUMAS DESDE OS PRIMÓRDIOS EM DECORRÊNCIA DA TEORIA DO AMADURECIMENTO DE WINNICOTT E O ABUSO SEXUAL INFANTIL

As angústias impensáveis as quais se encontram nos estágios iniciais do bebê são traumas os quais acarretam a quebra do continuar-a-ser (SANTOS, 2011, p. 476 - 477). Onde o trauma se põe como meio de defesa das circunstâncias que lhe são impostas. Desde o momento em que inicia a formação do bebê, qualquer ação ou ameaça pode interferir nessa constituição do sentido do ser, gerando uma angústia a qual se torna elevada no início da vida, uma vez que, as defesas iniciais da criança surgem sobre as falhas da mãe ao afastar as intrusões que poderiam provocar distúrbios nesse afastamento (SANTOS, 2011, p. 478).

A mesma se liga a temporalização, onde essas devem ser evitadas no momento em que a criança nasce, dando assim, a devida importância ao meio em que se encontra pela reação do ambiente a qual pode intervir ou interromper o processo de amadurecimento, sendo revividas em idades mais avançadas, por seu psicológico ter registrado de maneira significativa.

Deste modo, cabe ressaltar que a mãe e o meio são os que irão garantir a saúde psíquica e a personalidade da criança, pois, as invasões as quais não podem ser evitadas acabam sendo fatores que atrapalham a possibilidade da unidade integrada que um bebê deve ter. Dessa maneira, mostra-se que as angústias nada tem a ver com o nascer, mas sim, com as falhas do cuidado materno que deve ser suficientemente bom, nos estágios iniciais, pelo fato de que o indivíduo desenvolve-se a partir da relação com o outro, principalmente com sua mãe/ambiente, pois estar vulnerável as ações e cuidados do meio, onde o trauma acaba dando significado como uma forma de defesa até mesmo sobre o abuso sexual, podendo não confiar em outras pessoas para relatar sua vivência, deixar de acreditar nos seus sonhos, viver de forma desconfiada pelo fato de sua mãe não ter dado a devida sustentação, ou atenção, pois o cuidado sempre estará presente em todas as idades, porém, mudando apenas a forma desse cuidar em cada estágio.

Diante disso, percebe-se a importância da relação mãe-bebê no lidar materno em fornecer a confiabilidade possibilitando a sua continuidade de ser através desse

ambiente confiável. Não acontecendo isso, há uma falha no sentir-se real do indivíduo interrompendo assim, o seu processo de amadurecimento, ou seja, nos estágios iniciais da criança encontra-se também em jogo o existir somático do bebê, onde acarreta não só uma doença psicológica, mas também, psicossomática (SANTOS, 2011, p. 486).

Uma das falhas causadas pela falta de cuidado ambiental é a psicose, distúrbio causado por esse descuido, que deveria ser facilitado onde houvesse resultados nos estágios iniciais da criança. Mas, se o ambiente está falhando de forma diária, não se adaptando a criança em sua fase de absoluta dependência fazendo com que a criança abusada sinta-se insegura, desamparada gera traumas e acaba que seu amadurecimento é mal constituído. Deste modo, logo que adquire a identidade unitária, precisa-se confrontar no estágio de concernimento, com o intuito assim, de integrar a impulsividade instintual, deixando de ser incompadecida para ser compadecida o que se resume em adquirir a capacidade de sentir culpa e de se próprio responsabilizar da instintualidade que se torna pessoal, ou seja, passa a suportar as ansiedades que são desencadeadas em meio às relações com outras pessoas.

Diante das tais consequências do abuso, pode-se acontecer a curto e longo prazo, assim, diante a um referencial psicanalítico a criança necessita de um ambiente suficientemente bom, ou seja, de uma mãe suficientemente boa para ajudar em sua fase de amadurecimento, a própria fazendo parte dos seus estágios iniciais e contribuindo para que cada um desenvolva de uma boa forma, não interferindo em sua integração, para que não haja uma desestruturação a qual a criança possa acarretar sentimento de insegurança, solidão ou desamparo, que são as mesmas que após abusadas desencadeiam isso. Pois, Winnicott considera que o bebê é um ser indefeso, que nota de forma desorganizada os distintos estímulos que provem do exterior, onde o mesmo nasce com uma tendência para o desenvolvimento. Desta forma, o papel da mãe é dar suporte apropriado para a criança para que as condições inatas da mesma obtenham um bom desenvolvimento desde a fase intrauterina até o resto da vida, mudando apenas sua forma de sustentar em cada estágio, sem desrespeitá-los.

Tratando assim, da sensibilidade da criança, pelo devido fato da mesma desconhecer toda essa existência exterior, e a mãe de maneira que funcione como ego auxiliar, funcionando em meio ao transtorno traumático do abuso, com o auxílio

que possa dar a vítima, escutando-a, sem fazer levantamentos. Além disto, é a sustentação que decide o estado de não-integração que caracteriza o bebê para uma integração futura. Pois, várias desordens podem aparecer caso o meio não o sustenta de forma adequada para o processo de continuidade do amadurecimento, o que termina sendo atingindo pela falta de cuidado do meio.

Assim, o trauma não é decorrente ou resultado de um único fato, mas sim de repetidas falhas do ambiente. Diante disso, as angústias estão ligadas a uma falha no lidar da mãe em fornecer sentimentos, ou seja, o abuso quando se ocorre diversas vezes em uma criança, denota-se como trauma por não ter a paz e respeito que tinha antes, gerando na mesma, situações as quais viram como forma de se proteger em meio social. Essa confiança poderá ser resgatada diante ao ambiente, sendo assim, da relação do terapeuta com o paciente que ira mostrar-se como ego auxiliador, onde facilitara por meio da sustentação emocional suas situações vividas de violência.

Segundo Winnicott (1960/1990) apud Medeiros (2014), o bebê necessita dos cuidados maternos, o físico seguro, como o seu psicológico também sendo acolhido, dando o sustentar suficientemente bom para um adequado desenvolvimento e continuidade do ser, onde a mãe tem o papel de transmitir a confiança. Deste modo, qualquer pessoa tem a necessidade de ter uma boa sustentação no decorrer de toda a sua vida, porém, variando essa intensidade de segurar que é uma forma de constituição do self do bebê (Winnicott, 1945/1982). Pois, quando a criança não possui, ou é afetada, como em meio ao abuso a mesma constitui seu falso self, deixando de construir seu Eu e sua integração para adquirir seu desenvolvimento, em decorrer do tempo e espaço para que há um movimento transferencial.

Desta forma, o ambiente torna-se mais importante que a interpretação, pois, a manutenção de uma situação requer adaptação ao ego, o que torna-se fundamental diante o contexto. Como também, a teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott que se baseia no ambiente e na tendência inata, para se constituir a maturidade que é o processo de relação em que se denomina o dado desenvolvimento. O bebê associa-se com o espaço para assim constituir ou formar uma relação com a realidade se lhe condisser, portanto, se a mãe conseguir agir de boa forma com seus cuidados, os estágios iniciais do bebê, o qual lhe traz o desenvolvimento, terá o privilégio de constituir a continuidade do ser (WINNICOTT, 1960/1990, apud DIAS, p.53).

2.3 COMO A TEORIA DE WINNICOTT PODE DAR APOIO NA ABORDAGEM DO TRAUMA DA VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL E A IMPORTÂNCIA DO SUPORTE DA VÍTIMA E SEUS FAMILIARES

Para Winnicott (1960), o trauma é essa ruptura na continuidade do ser, provocada por falhas do ambiente. Ou seja, essa causalidade da ruptura na continuidade do desenvolvimento, insinua a vivência a qual o bebê teve, onde deste modo se opõe ao próprio conflito que lhe traz desestruturação do seu ego. Diante isto, para que se evite um ego desestruturado a mãe precisa da ênfase a personalidade e a saúde psíquica da criança, pois, são os alicerces dos estágios primitivos até o fim da vida. Fazendo assim, com que evite a violência interromper sua integração, como a constituição do si-mesmo (FORLENZA NETO, 2004).

Contudo, a mãe irá ajudar a constituí-la, fazendo com que a criança não precise acarretar os sofrimentos de medo, angustia, baixa autoestima, insegurança e sem confiabilidade, onde a criança também passa por uma situação de bullying, caso a ocorrência possa estar exposta nas escolas, como exemplo. Diante o mesmo, o apoio materno é entendido como uma construção multidimensional que equivale sob a: confiança da mãe a respeito da divulgação da vítima, as ações protetivas que possam evitar que tornem a criança vítima, a constatação e ao apoio do possível estresse da criança os quais permanecem a seguir do abuso sexual e da divulgação (SUFREDINI, 2016).

Assim, a característica de amparo materno no tempo do descobrimento do abuso sexual encontra-se bem relacionada a um andamento psicológico das vítimas, como também, em meio de como será seu procedimento de elaboração da tal experiência vivenciada. A adaptação da criança, pós-violência sexual, se estabelece de forma mais estreita relacionando com o suporte materno. O apoio o qual a mãe ganha da sociedade nessas situações acaba fornecendo mais ações de proteção sob a criança. Sendo assim, a mãe continua como ícone principal para a criança, podendo evitar com sua boa sustentação, o acontecimento, ou se caso passou pelo transtorno o seu acolhimento será uma das principais ferramentais de apoio (SUFREDINI, 2016).

Deste modo, cabe-se lembrar que a mãe em meio a teoria nos seus estágios iniciais e a pessoa que irá responder pelo desenvolvimento da criança será o meio em que estará fornecido para estruturar o Eu. Portanto, Winnicott com sua teoria do amadurecimento, contribui com a convicção a qual as bases, os alicerces da saúde psíquica se estabelecem na fase primitiva, ou seja, no início da vida de uma criança, dessa forma, é o momento em que se constitui sua personalidade, onde seu desenvolvimento pessoal depende da tendência inata ao amadurecimento, como a existência contínua de um ambiente facilitador, a qual contribui para uma amenização do trauma (DIAS, 2003, p. 13).

Em decorrer ao suporte para as crianças e suas famílias, um aspecto que poderia atuar frente a isso seria a rede de apoio social e afetiva, a qual lhe proporciona reforço através de estratégias de enfrentamento e um ambiente que seja acolhedor. Ações de acolhimento e intervenções são fundamentais nessas situações, tanto para a família, quanto para a vítima (KOLLER, 1999 APUD SANTOS, 2011, p. 602).

À vista das crianças que são violadas, que precisam de um setting seguro onde se projetem e elaborem suas emoções. Desta forma, segundo o que diz Oliveira (2014):

Assim, com a psicoterapia de orientação psicanalítica, elementos primitivos ainda não nomeados podem ser contidos por intermédio da função continente do terapeuta até que se adquiram significados e tragam alívio da dor psíquica e uma recuperação do equilíbrio emocional (p. 16).

Dessa forma, é importante salientar a transferência, a contratransferência e a aliança terapêutica que são considerações básicas da psicanálise que permeiam sob a relação entre a criança e o grupo de assistência, onde o terapeuta só se posiciona como ego do indivíduo, deixando a criança facilitar seu ambiente de desenvolvimento emocional por meio dos desenhos, respeitando suas angustias e seu abandono (OLIVEIRA, 2014).

Assim, fornecendo boas estratégias para que os aspectos emocionais e psicológicos da vítima e sua família possam ter o apoio psicossocial para que se torne uma forma protetora e de amparo para o sofrimento desencadeado. O fortalecimento das redes de proteção com equipe capacitada, procurando fazer

reuniões interdisciplinares, com um ambiente de suporte, cuidado, apoio que são formas as quais implicam em melhorar a produção, como também, o acolhimento.

Há também outra forma importante que possa ajudar na reestruturação psicológica da criança, que é a aceitação de novas relações. O indivíduo que não supera o trauma vivenciado tende a bloquear novas relações ou construir novos vínculos, por isso é de grande importância o bom acolhimento, o incentivo para que conheçam novas pessoas e desenvolvam relações saudáveis. Portanto, é essencial acreditar no que é relatado por elas, encaminhá-las de maneira correta e ouvi-las de modo a ajudá-las a superar o trauma.

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura que segundo Mendes, Silveira e Galvão (2008) a revisão integrativa é um processo de procura que torna possível, avaliar criticamente o resumo das demonstrações disponíveis em um problema examinado e o resultado final.

Realizou-se uma revisão bibliográfica abordando sobre as repercussões do abuso sexual infantil, em torno da temática para produção além de literatura clássica a cerca da teoria do amadurecimento, levantou-se as seguintes plataformas acadêmicas, Scientific Eletronic Library Online (SCIELO), Literatura Latino-Americana e de Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e os Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PEPSIC). Foram utilizados os descritores “Abuso Sexual”; “Infância”; “Winnicott”; “holding”; “Trauma” para a busca de conhecimentos mais recentes.

Porém, devido a escassez de publicações recentes quanto ao assunto decidimos delimitar a data de publicação entre o período de 2007 a 2017 (10 anos). Diante disto, através de critérios de inclusão e exclusão para a seleção da amostra, incluímos assuntos e autores que estivessem em mesma linha teórica trazendo contribuições para o nosso estudo. Como critérios de exclusão, foram descartados os artigos que apresentavam assuntos não equivalentes com o nosso tema ou que tivesse relação com outras áreas, em mesmo âmbito, foram excluídos artigos não traduzidos para a língua portuguesa.

Diante isso, de acordo com o que Silva (2008) diz, a pesquisa científica não é somente a repetição do que está dito sobre determinado assunto, o produto final da pesquisa não será uma cópia do que foi encontrado como dito ou escrito, mas trará um novo exame de um tema já estudado, sob nova ótica com novas conclusões.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados nesta pesquisa, autores que defendem a temática sobre o abuso sexual infantil na perspectiva winnicottiana. No entanto, procuramos delimitar a data de publicação dos artigos entre 2007 a 2017 para averiguar o conteúdo existente, justamente pela escassez de conteúdos recentes. Para localização das publicações, adotou-se como critérios de inclusão e exclusão para dados que buscassem assuntos que seguissem a mesma linha de entendimento sobre o abuso sexual infantil e a perspectiva da teoria do amadurecimento de Winnicott, de mesmo modo, autores que tivessem base do mesmo estudo, incluía-se. Desta forma, como critério de exclusão, selecionamos: assuntos divergentes do nosso tema, conteúdos semelhantes sob o abuso sexual infantil que questione o mesmo propósito para não se haver duplicidade, como também, materiais não redigidos na língua portuguesa.

Na plataforma SCIELO, foram encontrados dezesseis artigos onde seis destes tinham relação com o tema abordado, falando assim, do abuso sexual, as vivências maternas, a importância da entrevista, o conhecimento sobre o abuso, os dados relevantes, as relações dessas fases e seus transtornos, fazendo desta forma, alguma semelhança do que foi abordado no trabalho. Fez-se assim, a exclusão dos dez demais artigos os quais não haviam tanta coesão com o mesmo e pelo devido fato do ano em que foi publicado não estar dentro o que se foi delimitado, os quais abordavam sobre o abuso apenas de gênero feminino, assunto sobre adolescentes que não se inclui, artigos em outra língua, como também, texto sobre a mulher, a qual não se enquadra sob o mesmo.

No LILACS, encontramos 45 artigos, porém, quarenta dos tais não estavam no mesmo período estipulado e outros não tinham a semelhança do que foi percorrido sob nosso tema. Foram incluídos apenas cinco, pois, tinham alguma relação direta ou indiretamente sobre a teoria do amadurecimento, ou de holding,

tratando também, das relações transferências, mostrando o significado materno o qual damos grande importância diante do nosso contexto, como de fato a integração.

Na plataforma PEPSIC, localizou-se vinte e um artigos, dentre os quais vinte foram excluídos por não ter relação com o que está sendo falado no decorrer do que propusemos abordar, sendo assim, abordando sobre diagnóstico, sobre a constituição psíquica de estudante em medicina, a ruptura na prematuridade, desviando deste modo, do nosso propósito. Um artigo foi incluído por ter vínculo com as primeiras relações maternas na infância, onde fala-se de Winnicott e desta importância, a qual o cuidado parte desde do feto, até o fim da vida da mesma.

Diante isto, dois artigos incluídos no LILACS não foram mencionados no quadro para evitar a duplicidade de informações por já ter conhecimento no referencial (Forlenza Neto, Orestes. 2008 / Janeiro, Lívia Milhomem; Tafuri, Maria Izabel. 2011). Baseando-se sobre o que foi exposto, foi organizada a tabela de dados a seguir:

Título	Autor(es) / Ano	Fonte
As vivências maternas diante do abuso sexual intrafamiliar	Lima, Joana Azevêdo and Alberto, Maria de Fatima Pereira 2010	Estudos de Psicologia, 15(2), Maio - Agosto/2010, 129-136 Plataforma: SCIELO
Entrevista clínica com crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual	Habigzang, Luísa Fernanda et al. 2008	Estudos de Psicologia 2008, 13(3), 285-292 Plataforma: SCIELO
A violência sexual contra crianças e adolescentes: conhecer a realidade de possibilidade a ação protetiva	Santos, Viviane Amaral dos and Costa, Liana Fortunato 2011	Estudos de Psicologia, Campinas, v. 28, n. 4, out./ dez. 2011. Plataforma: SCIELO

Dados demográficos, psicológicos e comportamentos de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual	Serafim, Antonio de Pádua et al. 2011	Serafim AP, et al. / Rev Psiq Clín. 2011;38(4):143-7 Plataforma: SCIELO
Avaliação psicológica em casos de abuso sexual na infância e adolescência	Habigzang, Luísa Fernanda et al. 2008	Psicologia: Reflexão e Crítica, 21(2), 338-344 Plataforma: SCIELO
Relação entre o abuso sexual na infância, transtornos de estresse pós-traumático (TEPT) e prejuízos cognitivos	Borges, Jeane Lessinger and Dell'Aglio, Débora Dalbosco 2008	Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 2, p. 371-379, abr./jun. 2008 Plataforma: SCIELO
Reflexões psicanalíticas winnicottianas sobre o sentimento do silêncio no setting	Costa, Camila Gonçalves da; Ribeiro, Diana Pancini de Sá Antunes; Volpato, Ana Lúcia; Abrão, Jorge Luis Ferreira. 2013	Boletim de Psicologia, 2013, Vol. LXIII, Nº 138: 049-063 Plataforma: LILACS
Significados do cuidado materno em mães de criança pequenas	Barbosa, Fabiela Aparecida; Machado, Lucinéia de Fátima Vidigal; Souza, Laura Vilela e; Scorsoline-Comin, Fabio. 2010	Barbarói. Santa Cruz do Sul, n. 33, ago./dez. 2010. Plataforma: LILACS
Integração personalização e realização: a teoria do desenvolvimento	Toledo, Sabrina Penteado Ribeiro de.	Rio de Janeiro; s.n; 2008. 96 p.

emocional de winnicott		Plataforma: LILACS
Do feto ao bebê: winnicott e as primeiras relações maternas infantis	Silva, Sergio Gomes da. 2016	Psic. Clin., Rio de Janeiro, vol. 28, n. 2, p. 29-54, 2016 Plataforma: PEPSIC

Lima, Joana Azevêdo and Alberto, Maria de Fatima Pereira (2010), traz que a violência dentro da própria família são contornos geradores de problemas sob ordem pública, na atualidade, onde diante das experiências vivenciadas em meio a esta situação aparecem sentimentos negativos como a culpa, falta de confiança, desamparo, dentre mais, os quais fazem associar-se a experiência que passou, a qual gera esse sentimento desagradável e as norteiam diante o seu conhecimento sobre o mesmo.

Habigzang, Luísa Fernanda et al. (2008), em mesma perspectiva sobre o abuso infantil trata que o mesmo é um problema de saúde pública, onde precisa-se exigir o conhecimento do profissional que atuara como avaliador e que irá intervir sob as vítimas, dando a importância desta forma, as possíveis consequências, como ao setting da entrevista, e a forma de acolhimento dos profissionais para assim, notar como as características da criança será apresentada.

Santos, Viviane Amaral dos and Costa, Liana Fortunato (2011), diz que trabalhar sobre medidas protetivas para garantir a proteção integral da criança, mostra-se a necessidade deste amparo, como o fator relevante na construção de políticas publica que sejam voltadas para esta prevenção e intervenção.

Serafim, Antonio de Pádua et al. (2011) em mesmo âmbito descreve os dados e aspectos emocionais, como também, comportamentais em crianças e adolescentes vítimas da violência, onde as meninas na maioria das vezes são as maiores vitimas, porém, ambas partes desencadeiam constantemente depressão ou transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), se isolando, e de forma notória o seu desenvolvimento sendo atingindo e desestruturado.

Habigzang, Luísa Fernanda et al. (2008) consiste em dizer que a avaliação é um forma desafiadora para os profissionais, pelo devido fato da complexidade do acontecimento. Onde de forma individual irá avaliar seu comportamento, como tentando adquirir a confiança que a vítima dificilmente pode ter, criando esse vínculo possibilitara a identificação dos sintomas, como a abertura de conhecimento sobre sua vida e sua historia.

Borges, Jeane Lessinger and Dell'Aglio, Débora Dalbosco (2008) aborda diante esse estudo, que a violência sexual contra a criança é um fator de risco para seu desenvolvimento, onde as sequelas cognitivas, emocionais e comportamentais são formas que podem desenvolver a curto e a longo prazo, estendendo-se assim, até a vida adulta.

Costa, Camila Gonçalves da; Ribeiro, Diana Pancini de Sá Antunes; Volpato, Ana Lúcia; Abrão, Jorge Luis Ferreira. (2013), dão importância a análise do sentido do silêncio do setting analítico embasado na proposta Winnicottiana, referindo-se sob o conceito de holding, da própria teoria, dentre mais. Os quais também, realçam a transferência e contratransferência refletindo-se sobre ambas partes. Diante disso, busca-se o silêncio como forma de comunicação, facilitando a terapia para surgimento nesse espaço e retomando o processo de amadurecimento do paciente.

Barbosa, Fabiela Aparecida; Machado, Lucinéia de Fátima Vidigal; Souza, Laura Vilela e; Scorsoline-Comin, Fabio. (2010), relata que a relação saudável entre mãe e filho é de grande acuidade para a formação da constituição da criança como também, importante para a própria mãe. Fala-se também, do profissional enquanto seu acompanhamento, e das mães que encontram a sustentação necessária sob o meio, tento a capacidade de ver a necessidade dos filhos como também, de compreender melhor essa maturação.

Toledo, Sabrina Penteado Ribeiro de. (2008) considera que o desenvolvimento emocional primitivo é a principal parte do amadurecimento de um individuo, onde a integração, personalização e realização fazem parte da constituição de sua subjetividade. De antemão, a criança necessita de uma mãe suficientemente boa, para poder se construir de uma forma adequada, tendo a integração do seu ego preservado, como uma apropriada sustentação, para desta maneira, alcançar a fase do Eu Sou.

Silva, Sergio Gomes da. (2016), enfatiza que as experiências intrauterinas que são sentidas pelo feto e o contato entra ambas partes após esse nascimento, têm-se de antemão, que as primeiras relações pré e pós-natais criam vias de acesso a saúde psíquica para o desenvolvimento humano, fortalecendo o egóico e a provisão de recursos internos para lidar com situações traumáticas de forma mais ou menos comprometedora.

Considerando diante isto que o abuso sexual é um problema de saúde pública, que pode se precaver garantindo a proteção e integração da criança diante das ações dos profissionais, como também, a necessidade da mãe para o seu bom desenvolvimento desde os estágios iniciais ate a vida adulta, ou seja, a relação mãe-bebe com seu desenvolvimento suficientemente não deixando espaços para uma desestruturação e o vínculo terapeuta-paciente para uma boa relação de confiança. Portanto, em meio a esta pesquisa teve-se como objetivo colaborar a cerca do tema oferecendo ao público reflexões sobre a determinada temática que aborda as repercussões causadas na criança quando é violada, e onde a teoria pode encaixar-se diante esse transtorno.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho mostrou a importância de apresentar as repercussões que acarretam em uma criança abusada sexualmente, visando o seu desenvolvimento pós-trauma em decorrer da teoria do amadurecimento de Winnicott, onde buscou os estágios iniciais que recai sobre a tendência inata do bebê, o qual se deve ter grande acuidade para não interferir em seu desenvolvimento.

Deste modo, notou-se a importância do meio sobre a criança em sua constituição de personalidade, que terá como base de construção desse Eu, o ambiente e sua sustentação. Baseado na técnica de Holding, a relação que desencadeia diante do sentimento de segurança sob a sustentação, ajuda na integração do processo de amadurecimento, pois, é na relação mãe-bebê que deve-se fornecer confiança, para que se haja a maturação que se fundamentara sob esses cuidados.

Com isso, cabe-se dizer que o papel materno é fundamental, pois em meio ao abuso sexual infantil seja qual for, não deixam marcas a serem identificadas, suas

marcas são as consequências psicológicas, onde sua reconstrução será fazer novas relações, procurar redes de apoio, e sentir-se acolhido para se haver a confiança que foi perdida, tentando reconstruir desta maneira, seu ego destruído.

Desta forma, esta pesquisa poderá ser utilizada como fonte de informação uma vez que existe poucos estudos sobre o panorama situacional deste nicho. Pretende-se contribuir com isso para a motivação de estudos acerca do tema como também, em áreas que tenham afinidade com o mesmo.

REFERÊNCIAS

AMAZARRAY, Mayte Raya; KOLLER, Silvia Helena. Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [s.l.], v. 11, n. 3, p.559-578, 1998. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79721998000300014>.

ARRUDA, Sérgio Luiz Saboya. Abuso sexual na infância: a vivência em um ambulatório de psicoterapia de crianças. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.** v.19 n.3 São Paulo dez. 2009.

ASSIS, Simone G. de. Crianças e adolescentes violentados: passado, presente e perspectivas para o futuro. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10, supl. nº 1, 2004.

BOARATI, Maria Cristina Brisighello; SEI, Maíra Bonafé; ARRUDA, Sérgio Luiz Saboya. Abuso sexual na infância: a vivência em um ambulatório de psicoterapia de crianças. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, p.426-434, 2009.

BRASIL, Bbc. **70% das vítimas são crianças e adolescentes: oito dados sobre estupro no Brasil**. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36401054>>. Acesso em: 10 out. 2017.

CAPITÃO, Cláudio Garcia; ROMANO, Rita Aparecida. **Caracterização do Abuso Sexual Infantil em Crianças e Adolescentes**. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000200014>. Acesso em: 10 out. 2017.

DIAS, Elsa Oliveira. A Teoria Winnicottiana do Amadurecimento como Guia da Prática Clínica. **Natureza Humana**, São Paulo, p.29-45, 2008.

DIAS, Elsa Oliveira. **A Teoria do Amadurecimento de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

FALEIROS, Eva T. Silveira; CAMPOS, Josete de Oliveira. **Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes**. Brasília: Thesaurus, 2007.

JANUÁRIO, Livia Milhomem; TAFURI, Maria Izabel. A relação transferencial para além da interpretação: reflexões a partir da teoria de Winnicott. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, [s.l.], v. 14, n. 2, p.259-274, dez. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1516-14982011000200007>.

MEDEIROS, Clarissa; VAISBERG, Tania Maria José Aiello -. Reflexões Sobre Holding e Sustentação como Gestos Psicoterapêuticos. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, p.49-62, 2014.

OLIVEIRA, Martina Daolio de; SEI, Maíra Bonfé. Abuso Sexual e as Contribuições da Psicologia no Âmbito Judiciário. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, p.4-22, 2014.

ONUBR. **Brasil: UNICEF pede ‘tolerância zero’ à violência contra crianças e adolescentes**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/brasil-unicef-pede-tolerancia-zero-a-violencia-contra-criancas-e-adolescentes/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

PFEIFFER, Luci; SALVAGNI, Edila P. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. **Jornal de Pediatria**, 81 (Supl.5), 2005, p. 197-204.

PFEIFFER, Luci; CARDON, Léo. **Violência contra crianças e adolescente: do direito à vida**. In: **Os vários olhares do direito da criança e do adolescente**. Coleção Comissões. Curitiba: Ordem dos Advogados do Brasil – Seção do Paraná; 2006. P 105.

SANTOS, Eder Soares. Apontamentos Sobre as Angústias Impensáveis em Winnicott. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba, p.475-492, 2011.

SANTOS, Samara Silva dos; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Compreendendo as mães de Crianças Vítimas de Abuso Sexual: Ciclos de Violência. **Estudos de Psicologia**, Campinas, p.595-606, 2008.

SILVA, Cassandra Ribeiro de O. **Metodologia e Organização do Projeto de Pesquisa (Guia Prático)**, Fortaleza-C.E. Ps. 14 e 15, 2008.

SUFREDINI, Francieli; MORÉ, Carmen Leontina Ojeda Ocampo; KRENKEL, Scheila. Abuso sexual infanto-juvenil na perspectiva das mães: uma revisão sistemática. **Contextos Clínicos**, [s.l.], v. 9, n. 2, p.265-278, 5 jul. 2016. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2016.92.11>.

WERNECK, Anna Flora; GONÇALVES, Itamar Batista; VASCONCELOS, Maria Gorete O. M.. O Essencial é Invisível aos Olhos: Impactos da Violência Sexual na Subjetividade de Crianças e de Adolescentes. In: SANTOS, Benito Rodrigues dos et al. **Escuta de Crianças e Adolescentes em Situação de Violência Sexual**. Brasília: Educab, 2014. p. 69-85.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que iluminou nossos caminhos durante esta caminhada para enfrentar as dificuldades existente, nos permitiu supera-las, dando sabedoria e discernimento pra concluirmos este trabalho.

Aos nossos colegas de turma, pelo companheirismo, dedicação, amizade e os obstáculos superados juntos.

A nossa prezada orientadora Narjara Macedo, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas correções e incentivo.

Aos nossos namorados que tiveram total paciência e nos deram todo o apoio, sempre nos motivando.

A instituição UNI-RN, que em breve estaremos concluindo mais uma etapa da nossa vida, que irá contribuir com o nosso processo pessoal e profissional.

Aos nossos familiares e amigos, pelo amor, incentivo e o total apoio de todos que direta ou indiretamente fizeram parte da nossa realização por contribuírem no seu sucesso e nosso crescimento pessoal e profissional. A todos expressamos aqui nossos agradecimentos.